

Património

DOMINGO
12 OUT 2025

CASAS COM HISTÓRIA | **MONÇÃO** / PINHEIROS

Textos
José Carlos Ferreira

Fotos
Diário do Minho

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 34390 de 12 de outubro de 2025, do *Jornal Diário do Minho*, não podendo ser vendido separadamente



Introdução

Nesta edição do suplemento do Património começamos a nossa viagem pelas casas com história que será o terceiro e último capítulo na nossa estadia no concelho de Monção. E, para dar início a esta nova etapa decidimos começar pelo Palácio da Brejeira, um imóvel de

grande notoriedade, não só de Monção, mas de todo o Alto Minho. O Palácio da Brejeira é classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho 1910. Nesta edição do suplemento do Património vamos conhecer quem foi o seu fundador

no século XIX e quem foram os proprietários seguintes. Para além de saber quem foram vamos também olhar para aquilo que fizeram para que este palácio chegasse aos nossos dias com a nobreza que encerra.

Construção terá decorrido entre 1806 e 1834

Luís Pereira Velho de Moscoso foi o fundador do Palácio da Brejoeira

O Palácio da Brejoeira, ex-libris do concelho de Monção, está situado na freguesia de Pinheiros, a poente da Estrada Nacional que liga Monção a Arcos de Valdevez.

O seu fundador, conta Ernesto Português, no seu livro "Palácio da Brejoeira dois séculos de história", foi o morgado e fidalgo Luís Manuel Pereira Velho de Moscoso, nascido em 1767 e casado com a sua prima co-irmã, D. Maria Luísa Cleofe Pereira Caldas em 1805. De viva voz, o investigador conta que este fidalgo viveu temporadas em Lisboa e «segundo se diz, teve alguma convivência com o príncipe D. João, futuro D. João VI». «Ele viveu em Lisboa, conhecia aqueles palácios e quis, de alguma maneira, perpetuar a memória e a grandeza de um nobre de província» na sua Quinta de Vale da Rosa, em Pinheiros, Monção, com uma construção monumental. Para construir o seu palácio serviu a fortuna que o casal tinha e que provinha dos dois ramos familiares, ou seja, dos Velho de Moscoso, de Pinheiros, e dos Pereira Caldas, de Badim. «Há uma confusão dizendo-se que o fundador teria ganho o dinheiro no Brasil. Ele nunca esteve no Brasil. Ele era militar. Mas, é verdade que grande parte do dinheiro deverá ter vindo do Brasil e de Lisboa, porque o sogro e os tios, que eram de Monção e estiveram no Brasil terão ganho muito dinheiro e investiram em Lisboa em negócios e imobiliário», conta Ernesto Português. Quem terá desenhado o Palácio da Brejoeira? O investigador não descarta a tese de Regina Anacleto, da Universidade de Coimbra.

A investigadora, evidenciando as semelhanças entre o Palácio da Brejoeira e o Palácio Nacional da Ajuda, aponta o arquiteto José da Costa e Silva. Para além disso, defende que o fidalgo vivia em Lisboa e a família era próxima da família reinante. Costa e Silva nunca terá estado em Monção e em 1811 terá ido para o Rio de Janeiro. Por isso, Ernesto Português também acredita que Carlos Amarante, que esteve em Valença em funções militares, poderá ter acompanhado a obra pertencente a Luís Pereira Velho de Moscoso, também ele militar. A verdade é que o Palácio da Brejoeira foi construído entre 1806



Retrato de Luís Pereira Velho de Moscoso, fundador do palácio

e 1834, ou seja, durante cerca de 28 anos, com as obras suspensas durante o período das Invasões Francesas. Não menos verdade é que o fundador do Palácio da Brejoeira também pouco tempo usufruiu da sua obra

«Luís Pereira Velho de Moscoso faleceu em Lisboa, em 24 de fevereiro de 1837, com cerca de 70 anos», refere Ernesto Português.

Filho Simão, o herdeiro

Dos dois filhos do casal, o primogénito, Marcos «é dado como louco», e Simão torna-se o herdeiro do Palácio da Brejoeira. Foi um nobre que exerceu, tal como o pai, funções militares, e foi um filantropo. No seu palácio recebeu hóspedes ilustres, «viveu momentos faustosos», sendo também um homem dedicado às artes. Sem descendentes, D. Simão faleceu no seu pa-

lácio a 17 de maio de 1881, tendo sido sepultado na capela-mor da igreja paroquial de Pinheiros.

Por herança, o Palácio da Brejoeira caiu nas mãos de primos residentes em Lisboa, co-herdeiros, que não vieram a Monção. Mantiveram durante alguns anos o mordomo de D. Simão, trocando correspondência. E por ordem dos herdeiros praticamente todo o recheio do palácio foi vendido.



Pedra de Armas de Luís Pereira Velho de Moscoso



Primeira entrada do Palácio da Brejoeira

Nova documentação trouxe novidades sobre processo de aquisição

Pedro Maria da Fonseca Araújo foi comprador do Palácio da Brejoeira

O Palácio da Brejoeira, herdado pelos primos do filho do fundador, não foi colocado à venda em hasta pública, como escreveu Ernesto Português no seu livro “Palácio da Brejoeira dois séculos de história”.

A investigação histórica tem destas coisas e desde a edição do livro até agora, Ernesto Português encontrou nova documentação de arquivo de família na Casa de Calvos, situada na freguesia de Távora, em Arcos de Valdevez, cuja análise permitiu reformular a forma como decorreu o processo da venda. «Eu afirmei no livro que foi em hasta pública. Mas, não foi vendido em hasta pública. Foi anunciado através de vários órgãos que o Palácio da Brejoeira ia ser vendido. Pedro Araújo, creio que nessa altura estava à frente do Palácio da Bolsa no Porto, teve conhecimento, entrou em negociação e comprou o Palácio da Brejoeira. Portanto, houve uma publicitação que o palácio estava a à venda, e ele comprou-o. E isso não é hasta pública», revelou Ernesto Português.

E é com este novo proprietário no início do século XX, «um bem-sucedido homem de negócios da cidade do Porto e presidente da Associação Comercial, que, entretanto se havia notabilizado pelo seu empenho ao serviço do bem público na Câmara do Porto», que o Palácio da Brejoeira ganha uma nova vida, sustenta o investigador.

Inovações introduzidas

Ainda segundo Ernesto Português, Pedro Araújo soube munir-se de um grande arquiteto nessa altura, cujo nome marcou a arquitetura da época. Falamos de Ventura Terra, que terá sido o responsável de alguma transformação da parte exterior do palácio. No interior também houve intervenções, de onde se destaca a construção de um pequeno teatro que ficou do lado esquerdo no hall de entrada, da autoria do arquiteto Marques da Silva, também amigo de Pedro Araújo. Outra grande transformação operada pelo novo proprietário foi a colocação dos portões de entrada na propriedade, que estavam perto do palácio, junto à estrada nacional, dando uma nova amplitude visual a esta entrada. Na se-



Fotografia de Pedro Araújo

quência disto, mandou também erguer o muro à volta de toda a quinta.

Outra inovação foi a iluminação do palácio, do jardim e da gruta com luz elétrica alimentada pela mini-hídrica construída no rio Gadanha em 1910. Assim, pode dizer-se que a eletricidade chegou primeiro à Brejoeira do que à vila de Monção.

Para além do jardim de Inverno semi-circular em ferro e vitrais coloridos, Pedro

Araújo introduziu os jardins românticos na sua propriedade. «O bosque, o lago, a ilha dos amores que tem no centro do lago, as grutas artificiais que lá existem são obra de Pedro Araújo. E, para isso, ele leva um arquiteto paisagístico do Porto. Pedro Araújo, em 1922, passou os últimos meses da sua vida nesta sua propriedade, tendo a nova documentação revelado que o motivo deste refúgio terá sido «uma grande

depressão psíquica, porque ele foi acusado em 1920 de uns negócios que foram considerados ilícitos», tendo sido «preso e levado para Lisboa», conta Ernesto Português. «Depois de um grande processo, foi absolvido, e foi passar os seus últimos meses à Brejoeira. Depois foi para o Porto e morreu», acrescenta. Em testamento, Pedro Araújo deixa o Palácio da Brejoeira ao seu filho mais velho, Pedro Araújo Júnior.



Estrutura exterior do jardim de Inverno



Avenida das Tílias

Brejeira ganha nova imagem associada ao Alvarinho

Pai comprou palácio para oferecer à sua filha Maria Hermínia

Pedro Araújo Júnior, que recebeu o Palácio da Brejeira por herança, apalavrrou a venda desta propriedade ao Comendador Francisco d'Oliveira Paes que o quis oferecer à sua filha Maria Hermínia em 1932.

Ernesto Português recorda que «a Senhora Dona Hermínia» lhe contou em conversa que nessa visita, «Pedro Araújo filho até lhe deu um saquinho de terra para simbolizar a venda do palácio». «Apalavraram a venda, e ele deu-lhes o saquinho com terra», acrescenta. No entanto, realça o investigador, «a escritura só aparece em 1937, e a escritura já não foi feita pelo Pedro Araújo Júnior, mas pelos credores, e eram vários».

É assim que o Palácio da Brejeira volta a mudar de proprietário e ganha um novo rumo. «A primeira transformação que eles operaram foi colocar uma vacaria e árvores de fruta. A transformação foi na quinta e não propriamente no palácio», afirma Ernesto Português.

A aposta no Alvarinho

Mas foi nos inícios dos anos 60 do século passado que Dona Maria Hermínia de Oliveira Paes procedeu à grande transformação da quinta e que perdura até hoje, que é a produção de Alvarinho.

Ernesto Português sublinha que a proprietária soube rodear-se de engenheiros agrónomos e depois de alguns estudos e trabalhos dedicou-se à produção do Alvarinho. Aliás, o Palácio da Brejeira foi, em Monção, o primeiro produtor e engarrafador com marca definida.

Inicialmente, escreve Ernesto Português no seu livro "Palácio da Brejeira dois séculos de História", «para escoamento da uva, Francisco d'Oliveira Paes e Dona Maria Hermínia, em 1958, tornaram-se sócios fundadores da Adega Cooperativa Regional de Monção, para onde vendiam a maioria da produção». Mas, é em 1976 que Dona Hermínia se liberta dos seus compromissos empresariais em Lisboa e se desloca definitivamente para o Palácio da Brejeira «para se dedicar inteiramente à propriedade e acompanhar atentamente todas as fases de produção do seu Alvarinho, adaptando-se perfeita-



Francisco d'Oliveira Paes e Dona Maria Hermínia d'Oliveira Paes



Os vinhos da Brejeira continuam hoje a ser uma referência nacional



A proprietária apostou na plantação da vinha e na casta Alvarinho

mente ao Minho», afirma o investigador. «A aparição de um vinho Alvarinho de excelente qualidade, aliada à existência de um sumptuoso palácio deu origem a uma

forte imagem de marca que teve a sua génese numa iniciativa feliz desta Senhora que, justamente foi apelidada de Dama do Alvarinho», acrescenta.

A Dona Maria Hermínia de Oliveira Paes faleceu a 30 de dezembro de 2015, sendo hoje administrador do palácio Emílio Sousa Magalhães.